

## Lula 4 e o Congresso

Rogério L. Furquim Werneck\*

Pouca atenção tem sido dada ao provável resultado das eleições parlamentares. O que se prevê é que o domínio do Congresso pela centro-direita ganhe força no pleito de 2026. Sobretudo no Senado. Um dado fundamental a ter em mente, ao tentar vislumbrar desdobramentos de desfechos da disputa presidencial.

Não faltará, claro, quem veja tal perspectiva como razão para eleger um presidente de esquerda, capaz de conter, na medida do possível, a extrema direita no Congresso. Estivesse em pauta um candidato de esquerda hipotético, o argumento poderia até merecer atenção. Especialmente se tal candidato fosse capaz de se mover para o centro e montar um governo de coalizão eficaz.

Mas, no caso, o candidato de esquerda tem nome e sobrenome. E seria completamente fantasioso, a esta altura, supor que Lula da Silva estaria apto a fazer no seu quarto mandato o que se mostrou incapaz de fazer no terceiro.

Eleito em 2022, com um Congresso já claramente de centro-direita, Lula poderia ter se movido para o centro, ao longo do eixo que de fato importava, que era o da condução da política econômica, e se empenhado para montar um governo de coalizão efetivo e responsável. Preferiu celebrar um pacto de irresponsabilidade fiscal com o Congresso.

Como o que coube ao Planalto nesse pacto foi uma fábula, seria surpreendente se o que foi prometido ao Congresso também não fosse. Mundos e fundos. Especialmente fundos. Vasto espaço para emendas parlamentares. Com o fim do teto de gasto, haveria dinheiro para todos.

Mas, tamanha foi a farra fiscal, que o governo logo se viu enredado nas restrições do Arcabouço, e se deu conta de que os recursos destinados a emendas parlamentares estavam “fazendo falta”. E aí, não teve dúvida. Solto o STF em cima do Congresso. Rompido o pacto, o governo viu-se derrotado na Câmara por 383 a 98, no final de junho, ainda com 18 meses de mandato pela frente. Um desastre como não se via desde os tempos de Dilma.

A fantasia de que, num quarto mandato, Lula, empossado aos 81 anos, será capaz de se articular com um Congresso ainda mais à direita e fazer um bom governo, não passa de autoengano.

Nada disso, claro, deve levar a que se subestimem as dificuldades que um presidente de centro-direita terá de enfrentar para montar um governo de coalizão eficaz, com um Congresso tão problemático como promete ser o de 2027. Mas o que parece mais do que claro, desde já, é que não há como esperar que Lula, reeleito, seja afinal capaz de lidar com tal desafio. Sem chance.

---

\* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.